



(left) Luisa Correia Pereira, *La montagne est bleu*, 1973, mixed media on paper, 31,6 x 24 cm

(right) Luisa Correia Pereira, *Les chemins de la montagne jaune*, 1973, mixed media on paper, 31,6 x 24 cm

Sérgio Carronha & Luisa Correia Pereira

Les chemins de la montagne jaune

Inaugura Sábado, 23 de Junho das 17h às 20h

23 de Junho – 15 de Setembro, 2018

Caroline Pagès Gallery
Rua Tenente Ferreira Durão, 12 – 1º Dto.
[Campo de Ourique]
1350-315 Lisboa, Portugal
T [+351] 21 387 33 76
M [+351] 91 679 56 97
gallery@carolinepages.com
www.carolinepages.com

Aberto das 15h às 20h, de Terça-feira a Sábado, e por marcação.

Partiu de Caroline Pagès a ideia de colocar em diálogo os trabalhos de Luisa Correia Pereira (Lisboa, 1945-2009) e Sérgio Carronha (Cascais, 1984), distribuídos por quatro divisões da antiga casa que hoje é galeria. A obra de cada um dos artistas não poderia estar, simultaneamente, mais distante e próxima da do outro. E são os mesmos pontos que as apartam os que as conectam.

Propomos percorrer uma linha zigzagueante que se desenha entre as obras de Luisa Correia Pereira [LCP] e de Sérgio Carronha [SC], através das ideias de traço, paisagem, cor – cada um destes vasos comunicantes são nomeados no título da exposição (*chemins, montagne, jaune*), pedido de empréstimo a uma das aquarelas de LCP presente na mostra. Detenhamo-nos por um pouco nos títulos de LCP que na sua grande maioria são literais mas não descritivos ou então o seu inverso, literários mas nunca ilustrativos. Acresce à sua força o facto de muitas vezes os títulos serem manuscritos na folha de papel, como se de uma assinatura se tratasse (ou como se a completasse). Alguns exemplos (para além dos títulos das obras incluídas na exposição): *Com literatura e pensamento*, 1994; *Um ser a nadar. Um ente nadando*, 1973; *Comunidades concêntricas de luz*, 1972; *Céu cinzento e chuva, chuva, chuva, chuva*, 1973; *Favos de todas as cores*, 1973; *Entre o céu e a terra todo um mundo*, s/data. *Os seres sensíveis nos mundos da forma e no mundo do desejo* (Parkour, 2012); *Apanha uma pedra. Atribui-lhe valor*. (Espaço Arte Tranquilidade, 2013); *Inland view – Vista para o interior* (A Montra, 2015); *Ecúmena* (Galeria

Municipal de Montemor-o-novo, 2017) e *Land and Purpose* (Monitor, 2018) são os títulos com que SC nomeou as suas exposições individuais. Os títulos de cada um cruzam-se no seu recuperar de formas de relacionamento entre as forças primitivas e arcaicas com aquilo que está mais à mão, que salta à vista, que ouvimos com maior agudeza – e, se num caso trata-se de encontrar uma montanha no papel, no outro trata-se de trazer da montanha a argila com que vai trabalhar, mas ambos dependem da disponibilidade e da atenção (perdida por muitos) ao tocar, ver, ouvir – coisas que reconhecemos de mundivivências em desuso.

Quando entramos no espaço expositivo de *Les chemins de la montagne jaune* deparamo-nos desde logo com a indicação de um caminho, um rio, um traçado que atravessa duas divisões – *Horizonte* (todas as obras de SC presentes nesta exposição são inéditas e realizadas este ano, em Montemor-o-novo onde vive actualmente) é uma instalação composta por vários fragmentos de vários materiais orgânicos (barro, xisto, mármore) cobertos por uma “tinta”, como o artista se refere ao pigmento/terra que recolhe da paisagem que vivencia, aliás como são todos os outros materiais que utiliza nesta exposição, recolhidos nas imediações de Terena, localidade alentejana onde o artista viveu durante dois anos. No primeiro espaço onde este horizonte se desenha, a sua representação cartográfica parece manifestar-se na tela sem título e não datada de LCP – uma barra horizontal divide a tela branca; a parte superior é preenchida por três nuvens vermelhas (ou cor de terra) que são reflectidas no chão da sala ou serão os fragmentos suspensos sobre o chão que as espelham? A parte inferior da pintura é preenchida por uma série de rodas esquemáticas que indicam esse lugar de passagem que é a terra, o mundo. *Entre o céu e a terra todo um mundo*, ou seja, o horizonte que nos conduz à segunda sala, onde encontramos traçados esta passagem nos mapas das montanhas de LCP, *La montagne est bleu* e *Les chemins de la montagne jaune* (ambas as aguarelas são de 1973, assim como as restantes apresentadas nesta exposição, todas realizadas no período em que a artista viveu em Paris). Se o percurso até aqui foi caracterizado por uma fluidez terrestre ou pedestre, o espaço no terceiro quarto é denominado pela definição de limites e fronteiras ainda que solares e celestes, por isso, talvez seja mais acertado designar de cosmogonias, a escultura *Bandeira* e a aguarela *2 hemisférios*. O tema da natureza e a sua representação – paisagem – ou chamemos-lhe antes uma ecologia-afectiva, é recorrente em ambos os artistas, não será inadequado dizer que é mesmo a fonte ou matriz essencial dos trabalhos, mas, se o impulso de SC é o de trazer o exterior para o interior – partir da natureza e da sua relação física com os materiais que ali encontra para uma forma de arte, o impulso de LCP é na sua impossibilidade de o ser, o seu inverso: exteriorizar o (seu) interior, ainda que procurando na experiência da paisagem (no seu caso, imaginada) a mesma *cura* da Montanha Mágica, da escalada de uma montanha, ou ainda o que se procura/encontra no fazer artístico. Na última sala, são apresentados sinais desta transformação nas peças *A máscara e os peixes* e *Solstício* – que a nós cabe procurar vivenciar.

Uma das primeiras vezes que me encontrei com o Sérgio Carronha fui ter com ele a Cascais onde vivia na altura. O plano era subir uma montanha na serra. A ideia era falarmos sobre os trabalhos a apresentar numa exposição a decorrer dali a uns meses. Era o início do Verão. Lembro-me do esforço do começo da subida, de irmos ver uma grande pedra, de um lugar de onde se via o oceano, de um solo argiloso vermelho e de outro amarelo, de uma árvore alta e da sua sombra, da poeira branca que ficou intrincada na roupa que voltou à cidade no final do dia.

Foi nas imagens de Luisa Correia Pereira que encontrei a minha memória da subida à montanha com o Sérgio naquele dia. Foi neste encontro entre obras, que nos inclui, que fui lembrada de que os artistas mais não nos dão senão a ver coisas. Até aquelas que vemos mas não guardamos.

Maria do Mar Fazenda

Lisboa, 20 de junho de 2018

Agradecimentos:



Sérgio Carronha (PT n. Cascais 1984)

Em 2003 ingressa no curso de Escultura da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa que frequenta até 2009.

Em 2012 apresenta a exposição "Os seres sensíveis nos mundos da forma e no mundo do desejo", no espaço Parkour em Lisboa.

Em 2013 apresenta "Apanha uma pedra. Atribui-lhe valor.", exposição com curadoria de Maria do Mar Fazenda, no espaço Arte Tranquilidade, Lisboa. Participa na 5a edição das residências artísticas da Z.D.B., Lisboa.

Em 2014 participa na exposição "12 contemporâneos", com curadoria de Bruno Marchand e Susan Cotter, na Fundação de Serralves, Porto. Co-criador de projecto de residências artísticas através do Projecto Lamparina, em Alandroal.

No ano 2015 participa no projecto "A tres bandas", curadoria de Miguel Amado para a galeria F2 em Madrid. Participa em residência artística nas Oficinas da Cerâmica e da Terra, em Montemor-o-Novo. Participa em residência artística no Moinho da Fonte Santa, Alandroal.

Em 2016 integra a exposição "Questionamento: Território", curada por Martim Dias, para a Sala de Arte Jovem da Comunidade de Madrid. Participa, como artista convidado, na exposição "Palácio do Espanto" com curadoria de Bruno Marchand, uma colaboração entre a Colecção da Caixa Geral de Depósitos e Acervo Municipal de Tavira, decorrido no Palácio da Galeria em Tavira.

Em 2017 apresenta a exposição "Ecumena" na Galeria Municipal de Montemor-o-Novo. Participa na colectiva "Prelude for a Landscape" curadoria de Martim Dias para a Galeria Carlos Carvalho, Lisboa.

Em 2018 apresenta a exposição "Land and Purpose" na Galeria Monitor Lisboa e participa na ARCO Lisboa.

A sua obra está representada na Colecção Fernando Ribeiro (Abrantes) e na Colecção António Cachola (Elvas).

Luisa Correia Pereira (PT n. Lisboa, 1945 – 2009)

Em 1962 desloca-se ao Brasil, para participar na organização no IV Centenário do Rio de Janeiro; permanece neste país até 1968.

Muda-se para Paris em 1968 e frequenta o Curso de Bibliotecária

Documentalista no *Institut Catholique* de Paris; trabalha na *Fondation National de Sciences Politiques*.

Paralelamente inicia-se na pintura, nomeadamente em lápis de cor, lápis de cera, aguarela, guache, óleo e acrílico sobre tela, monótipos e gravura em metal.

Obtém Bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian (gravura em metal) com base no trabalho apresentado – gravura em madeira e «grattages».

Regressa a Portugal em Julho de 1974, como bibliotecária documentalista e prossegue o seu trabalho artístico.

Funda o Centro de Documentação da Ar.Co, a convite do seu Director Manuel Costa Cabral.

Organiza uma equipa multidisciplinar – música, pintura, teatro e circo – para o MEIC, a funcionar no Instituto Adolfo Coelho, projecto-piloto apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

É responsável pela instalação de um museu itinerante em Miranda do Douro, pelo GAT-15, dirigido pelo Arq. Pedro Vieira de Almeida.

Colabora com o Teatro da Cornucópia na peça: «E não se pode exterminá-lo?» (cenas de Karl Valentim).

Bolsas e Apoios:

Fundação Calouste Gulbenkian (bolsa): 1972 - 1974 e 1979 - 1980;

Fundação Calouste Gulbenkian (apoio): 1986 - 1987 e 1987 - 1988;

Fundação Calouste Gulbenkian: 1998 - 2000 - Projecto de Criação Artística sobre *Desportos e Jogos - Sports and Games*;

Ministério da Cultura: Subsídio de Mérito Cultural.

Das suas exposições individuais em instituições destacam-se *34 Aguarelas* (1979), Teatro da Cornucópia, Museu de Évora, Centro Cultural das Caldas da Rainha; *Aguarelas e Lápis de Côr* (1980), SNBA, Lisboa; *Tarot* (1987), Cartas de um Jogo, SNBA, Lisboa; *Fiat Lux: Paris>Lisboa - Jogos Infantis e Desportos e Jogos* (2003), Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian (em colaboração com a Fundação EDP), Lisboa; *O Tempo das Suaves Raparigas - Paris>Lisboa* (2005), Fidelidade Mundial, Chiado 8, Lisboa; *A Convocação de Todos os Seres* (2014), curadoria de Gaëtan Lampo e Miguel Wandschneider, Culturgest, Lisboa, (póstuma).

Das suas exposições individuais em galerias destacam-se Galeria Diferença, Lisboa (1989 e 1990); Galeria Valentim de Carvalho, Lisboa (1992 e 1995; Galeria Hugo Lapa, CCB, Lisboa (1997); Galeria do Sacramento, Lisboa (2002); Galeria Fernando Santos, Porto (2004); São Roque Antiguidades e Galeria de Arte, Lisboa (2009, póstuma); Galeria Ratton, Lisboa (2014, póstuma).

A sua obra está representada nas colecções da Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação EDP, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Museu de Évora, Nederlandse Kunststichting, e várias colecções particulares.